

Percursos da música na cibercultura: o caso de “A Mancha” de Lenine*

MAURA PENNA**

RESUMO: Este ensaio discute algumas possibilidades de produção, divulgação e (re)apropriação da música no quadro da cibercultura, tomando como um exemplo ilustrativo o caso da canção “A Mancha”, de Lenine (em parceria com Lula Queiroga) e de um vídeo produzido para ela e divulgado no YouTube. Discutimos como a música está presente na contemporaneidade e na cibercultura, inclusive levando a novas práticas de escuta e de criação. Analisamos o processo de reapropriação de “A Mancha” que leva até o vídeo disponibilizado no YouTube e que se configura como uma produção da cibercultura, com seu caráter aberto e interativo. No vídeo, uma camada de significação visual sobre-põe-se à música e a ela se articula, ampliando o caráter de denúncia da canção. Quanto à interligação da cibercultura a outros espaços da vida cotidiana, discutimos o caráter político das questões ecológicas no mundo atual e apresentamos um exemplo do uso da canção de Lenine e de seu vídeo com finalidade educativa. Concluímos apontando que, no âmbito da cibercultura, através de diversos percursos, a música pode participar de ações políticas de conscientização e questionamento.

PALAVRAS-CHAVE: música; cibercultura; canção; Lenine.

Music Trajectory Within the Cyberculture Context: the Case of Lenine’s Song “A Mancha”

ABSTRACT: The purpose of this essay is to discuss some of the options used for the production, dissemination and (re)appropriation of music within a present day cyberspace perspective. The song “A Mancha” (The Stain) by Lenine (in partnership with another Brazilian composer, Lula Queiroga), and a video (uploaded on YouTube) are used as a descriptive example of how music works in today’s cyberculture, resulting in new ways of music listening and music creation. We analyze the process of creative reapropriation of the song “A Mancha” which is turned into a video available on YouTube. The video is seen as a product of cyberculture and of its open and interactive character. In the video, a layer of visual meaning overlaps the song, getting attached to it and strengthening its denouncing nature. Exploring the cyberculture interconnection to other areas of everyday life, the political nature of ecological issues in the world today is discussed and an example of using Lenine’s song and its video with an educational purpose is presented. To conclude, it should be pointed out that, through various ways in the cyberculture context, music can participate in everyday social and political actions.

KEYWORDS: music; cyberculture; song; Lenine.

* Uma versão preliminar deste trabalho foi apresentada no VI Encontro Nacional da Associação Brasileira de Etnomusicologia (João Pessoa, maio 2013), com publicação apenas do resumo expandido (PENNA, 2013).

** **Maura Penna** é Graduada em Música e Educação Artística pela Universidade de Brasília. Mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Paraíba. Doutora em Linguística pela Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente é Professora, Adjunto III, do Departamento de Educação Musical, da Universidade Federal da Paraíba/UFPB, atuando na Licenciatura em Música e no Programa de Pós-Graduação em Música, além de coordenar o Grupo de Pesquisa *Música, Cultura e Educação*. Autora de livros – como *Música(s) e seu ensino* (Sulina, 2012) – e de diversos artigos sobre educação musical, ensino das artes, música e cultura, publicados em periódicos científicos, coletâneas e anais de congressos. **E-mail:** maurapenna@gmail.com

Nas sociedades urbanas e industriais contemporâneas, a música tem uma grande presença na vida cotidiana¹. Por todo um processo histórico – que passou pelo desenvolvimento da notação musical, pela imprensa e posteriormente pelos diversos recursos de gravação e equipamentos para reproduzir música –, as produções musicais puderam ultrapassar a oralidade e a presença física e imediata de uma performance musical. Neste sentido, como diversos autores apontam (BOAL PALHEIROS, 2006; MAGOS, 2014; COSTA; FARIAS, 2014), as transformações sociais e tecnológicas do século XX e XXI estão modificando as maneiras de produzir, divulgar e consumir música, influenciando na própria experiência musical, ao permitir a presença da música em diferentes tempos e lugares.

Assim, ouvir música tornou-se independente não apenas de uma prática musical presencial, mas, por vezes, até mesmo de um suporte físico – como um vinil, fita K-7 ou CD –, na medida em que a música é digitalizada. Uma pesquisa realizada na Inglaterra com sujeitos entre 14 e 24 anos indicou que, enquanto 68% dos participantes ouviam música em seus computadores e 58% em tocadores de MP3, apenas 15% faziam uso de tocadores de CD (NICOLAU NETTO, 2012, p. 119)². Como consequência, a indústria fonográfica perdeu a o papel central que detinha na indústria da música até o início dos anos 2000, já que a configuração desta última se descentraliza (p. 117-119).

Neste quadro, como discute Nicolau Netto (2012) em seu artigo sobre música na internet, esta se torna não apenas o espaço por excelência de compartilhamento de música gravada, mas também gera e difunde novas formas de divulgação, produção e criação musical. Neste mesmo sentido, Costa e Farias (2014, p. 15) discutem como a facilidade na aquisição de equipamentos de gravação e reprodução, associada à expansão do acesso à internet, “proporcionou relativa autonomia a bandas e artistas”, abrindo novas perspectivas para a produção musical “independente”.

Nesse contexto da contemporaneidade, este ensaio discute algumas possibilidades de divulgação e (re)apropriação da música no quadro da cibercultura, to-

¹ Nessas sociedades, “a música é um elemento muito importante na vida dos jovens, a ponto de que ela deve ser considerada algo inerente ao ser jovem e suas práticas” (MAGOS, 2014, p. 122). Neste mesmo sentido, ver também Boal Palheiros (2006) e Silva (2008), dentre outros.

² O referido autor apresenta dados da pesquisa de Bahanovich e Collopy (2009).

mando como um exemplo ilustrativo o caso da canção “A Mancha”, de Lenine (em parceria com Lula Queiroga) – sem a pretensão de generalizar a partir da análise desse exemplo específico ou de esgotar as possibilidades abertas para a música na cibercultura. Para a discussão proposta, tratamos inicialmente das noções de cibercultura e ciberarte, para em seguida analisar o percurso de “A Mancha”, do CD *Labiata* até um vídeo produzido para ela e divulgado no *YouTube*. Finalmente, procurando explorar como a cibercultura pode se entrelaçar com ações da vida cotidiana, discutimos o caráter político tanto dessas produções quanto das questões ecológicas no mundo atual e apresentamos, ainda, um exemplo do uso da canção de Lenine e de seu vídeo com finalidade educativa³.

Internet e cibercultura

Para contextualizar nossa discussão, uma referência teórica indispensável é a obra já clássica de Pierre Lévy, *Cibercultura* (1ª edição francesa de 1997), sobre a emergência do ciberespaço e as possibilidades abertas por ele para a arte, a educação, para a cultura de modo mais amplo, assim como os desafios decorrentes. O ciberespaço é marcado por seu caráter virtual, que “existe sem estar presente” (LÉVY, 2011, p. 50), na medida em que é “virtual toda entidade ‘desterritorializada’, capaz de gerar diversas manifestações concretas em diferentes momentos e locais determinados, sem contudo estar ela mesma presa a um lugar ou tempo em particular” (p. 49). O ciberespaço configura, portanto, um campo desterritorializado e democrático de comunicação, de sociabilidade e de inclusão, o que traz inúmeras implicações culturais e mesmo políticas, na medida em que permite que as pessoas compartilhem diversos tipos de conteúdos e discutam livremente inúmeros temas simultaneamente. Assim, a “universalização da cibercultura propaga a copresença e a interação de quaisquer pontos do espaço físico, social ou informacional” (LÉVY, 2011, p. 49).

Para Rüdiger (2011, p. 10), por sua vez, o próprio ciberespaço já é um efeito da cibercultura, que “poderia bem ser definida como a formação histórica, ao

³ Vale salientar que foi a exploração didática de “A Mancha” (canção e vídeo) no curso em questão que nos instigou a procurar compreender o percurso da canção ao vídeo, em suas dimensões significativas.

mesmo tempo prática e simbólica, de cunho cotidiano, que se expande com base no desenvolvimento das novas tecnologias eletrônicas de comunicação”. Neste sentido, até os computadores e a própria internet já são, eles próprios, efeitos da cibercultura (p. 8).

A internet, “um conjunto de redes planetárias de base telemática”, teve sua origem no período da Guerra Fria, em uma rede criada pelo departamento de defesa americano para a manutenção de informações vitais (LEMOS, 2010, p. 116). Dentro de um panorama histórico mais amplo, ela se situa junto a outras conquistas que permitiram uma maior democratização no acesso à informação:

A revolução do impresso, com a invenção de Gutenberg, retirou os livros do monopólio da Igreja, o telefone permitiu uma comunicação instantânea entre pessoas e a TV e o rádio levaram informações à distância para uma massa de espectadores. A internet cria, hoje, uma revolução sem precedentes na história da humanidade. Pela primeira vez o homem pode trocar informações, sob as mais diversas formas, de maneira instantânea e planetária. A ideia de aldeia global (embora seja mais exato falarmos no plural) está se tornando uma realidade. (LEMOS, 2010, p. 116)

A internet permitiu também criar novas formas de acesso a produções artísticas, inclusive a música:

Ela [a internet] reconfigurou o modelo de acesso aos bens culturais, tornando possível visitar (virtualmente) galerias de diversos museus do mundo, por exemplo, de qualquer localidade. Certamente, essa lógica também se atribui à indústria fonográfica, ou seja, hoje é bem mais fácil se ter acesso a discografias completas de bandas e artistas de décadas passadas; elas tornaram-se até mesmo mais acessíveis do que em suas próprias épocas. (COSTA; FARIAS, 2014, p. 10)

Como foi visto, a internet também gera e difunde novas formas de divulgação e produção musical. Assim, a democratização não é apenas no acesso à música como expectador ou ouvinte, mas como músico e artista, estendendo-se ao próprio fazer musical e à possibilidade de levá-lo a público. Neste sentido, Costa e Freitas (2014, p. 14) discutem como as tecnologias de gravação digital, aliadas à possibilidade de divulgação no ciberespaço, abrem caminhos para a produção musical independente, na medida em que bandas que não têm contrato com gravadoras tradicio-

nais podem promover o seu trabalho com investimentos materiais e organizacionais relativamente pequenos⁴.

No entanto, em toda essa discussão, cabe considerar que, nos termos de Jungblut (2008, p. 139), os brasileiros “começaram a colonizar esses territórios [do ciberespaço] um tanto tardiamente, se comparados aos cidadãos de outros países”, em virtude da lei de proteção à indústria nacional de informática, que durante algum tempo dificultou ou mesmo impossibilitou o acesso aos equipamentos tecnológicos necessários:

Diferentemente de outros países, inclusive vizinhos do Brasil, por conta dessa lei, somente no início dos anos noventa, com seu gradual abrandamento, que se iniciou uma significativa expansão doméstica e empresarial do uso dos computadores e, consecutivamente, das redes que interconectavam essas máquinas. Um certo fascínio por computadores, e depois pela Internet, que tomou conta de muitos brasileiros, a partir, principalmente, deste mencionado momento, tem algo de impressionante. [...] O meteórico crescimento da utilização da Internet faz com que o Brasil recupere rapidamente o tempo perdido com as barreiras protecionistas antes impostas. (JUNGBLUT, 2008, p. 139)

Música e a ciberarte

Os processos de transformação da música oral, escrita, gravada até a produção/criação musical a partir da combinação sons são discutidos tanto por Lévy (2011, p. 137-145) quanto por Delalande (2007). Este autor traça de modo sintético o percurso que, a partir da possibilidade de fixação e reprodução do som sobre um suporte, leva à possibilidade de criar/compor manuseando diretamente os sons:

Fato inédito, em 1948: um homem de rádio, de nome Pierre Schaeffer, tem a ideia de juntar diretamente sons sobre o disco, unindo-os e misturando-os, *compondo*, assim, diretamente sobre o suporte físico. Quase simultaneamente, em Colônia (1950), sons eletrônicos são reunidos sobre uma fita magnética. Conhecemos a continuação da história: do disco flexível do estúdio de rádio de 1948, passaremos progressivamente para o disco rígido do computador doméstico, mas o princípio permanece o mesmo: sons captados ou sintetizados, transformados, agregados e enviados a um alto-falante, pelo qual os escutamos. Nesta cadeia, dois grandes ausentes: a partitura e o intérprete. (DELALANDE, 2007, p. 52)

⁴ Os autores desenvolvem sua discussão com base em entrevistas com os participantes de duas bandas independentes de Brasília.

No contexto da cibercultura, Lévy (2011, p. 137) refere-se a “composições automáticas de partitura e de textos, músicas ‘tecno’ resultantes de um trabalho recursivo de amostragem [samplear] e arranjos de músicas já existentes”, analisando como “a digitalização instaura uma nova pragmática da criação e da audição musicais” (p. 143). Neste sentido, Delalande (2007, p. 58-59) indica que a própria prática da escuta também se transforma, com o desenvolvimento de uma forma de percepção “muito mais intervencionista, interativa, no sentido de que se modifica o objeto à medida que se o tem nas mãos. [...] Trata-se de uma forma mais de apropriação que de escuta atenta que decompõe e analisa, para recompor de outra maneira”.

Assim, o processo de reapropriação de “A Mancha”, gravada por Lenine em *Labiata*, levando até o vídeo disponibilizado no *YouTube*, tem por base essa escuta interativa e intervencionista a que se refere Delalande, mas configurando, por outro lado, uma produção artística da cibercultura, com seu caráter aberto e também interativo. É nessa medida que o vídeo do *YouTube* é a própria canção de Lenine⁵ – inclusive com a indicação de autoria (embora sendo omitida a parceria) e do CD em que foi lançado – ao mesmo tempo em que a transcende, pois a transforma em um novo produto artístico. Neste sentido, Lévy, discutindo a ciberarte, deixa bastante claro o seu caráter de coprodução, como acontece nesse vídeo:

Uma das características mais constantes da ciberarte é a participação nas obras daqueles que as provam, interpretam, exploram ou leem. Nesse caso, não se trata apenas de uma participação na construção do sentido, mas sim *uma coprodução da obra, já que o “espectador” é chamado a intervir diretamente na atualização (a materialização, a exibição, a edição, o desenrolar efetivo aqui e agora) de uma sequência de signos ou de acontecimentos.* (LÉVY, 2011, p. 135-136 – grifos nossos)

Os percursos de “A Mancha”

Procurando compreender esse processo interativo, passemos a tratar, mais especificamente, de aspectos relativos ao percurso de “A Mancha”, de canção de um CD de Lenine ao vídeo do *YouTube*, que entendemos que se caracteriza como um “manifesto ecológico”.

⁵ Consideramos a parceria com Lula Queiroga como essencial à autoria da canção “A Mancha”. No entanto, para a fluência do texto, referimos muitas vezes à música como “de Lenine”, reconhecendo que, em seu papel de cantor, ele tem sido seu intérprete e divulgador mais conhecido.

Segundo dados da biografia disponível em seu site oficial, Lenine apresenta-se como “Recifense-carioca, brasileiro do mundo”, que “traz em suas composições influências de manifestações culturais de seu país e de inúmeros gêneros musicais, desconsiderando rótulos ou classificações”. Completando 30 anos de carreira em 2013, seu trabalho musical, bastante diversificado, articula o local – brasileiro e mesmo nordestino – e o global⁶, aceitando e reelaborando influências – num processo de reconstrução, reinterpretação e “ressemantização” (cf. MATTELLART, 2005, p. 97-98). Assim, por exemplo, mesclam-se instrumentos e elementos rítmicos do maracatu com os do *pop* ou *rock* (como em “Que Baque É Esse?”), ou, em “Jack soul brasileiro”, reverencia um expoente da música nordestina, Jackson do Pandeiro, citando e reelaborando canções de sua autoria. Essa música de Lenine, como analisa Rodrigues (2008/2009, p. 183), “possui uma forma complexa de ritmos, de mistura na letra e na melodia, seja conservando as músicas interpretadas por Jackson na sua forma original, seja misturando-a com outros ritmos”.

Em 2008, Lenine lançou o CD e LP *Labiata* (Casa 9), com distribuição da gravadora Universal Music, o que evidencia a sua inserção na indústria cultural global, sendo o álbum lançado em 20 países, numa grande turnê internacional em 2009. O CD *Labiata* conta, como elementos constituintes, com uma capa (Fig. 1) e um encarte com as letras das músicas e ficha técnica, sobre fundo com diversos elementos visuais⁷. Desse modo, os elementos gráficos – inclusive inscritos no próprio CD (mídia), onde a capa é parcialmente reproduzida – contribuem para a construção significativa desse objeto. Entretanto, na divulgação da música pela internet, em formato MP3, esses elementos visuais e escritos – que também fazem parte do “produto cultural” – são excluídos, enquanto outros podem lhe ser acrescentados, como acontece no vídeo propagado no *YouTube*.

⁶ Para uma discussão sobre as articulações entre o local e o global, especificamente sobre as múltiplas formas de ser musicalmente nordestino, ver Penna (2012).

⁷ A ficha técnica do encarte informa a autoria desses elementos: design gráfico, por Tecnopop (Raul Mourão, Theo Carvalho e Fernando Rocha); foto da capa, por Theo Carvalho; fotos de Lenine, por Nana Moraes.

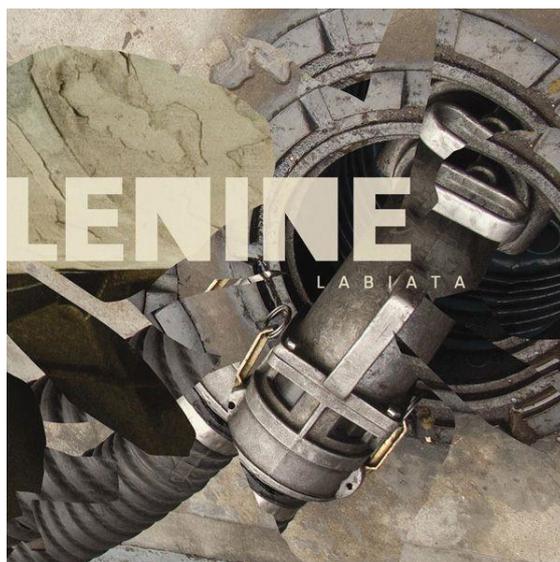


Fig. 1 - Capa do CD Labiata

Assim, o circuito de produção, distribuição e divulgação de *Labiata* evidencia que, como discute Valente (2007, p. 80), do ponto de vista econômico, os processos de globalização transformam um produto cultural em mercadoria ao mesmo tempo em que inserem a música – e mais especificamente a canção – “num panorama de intercomunicação instantânea, em nível planetário – a chamada cultura global”. No entanto, as canções do CD *Labiata* – produto da indústria cultural à venda –, no contexto da cibercultura, transcendem o suporte físico do CD ou LP, sendo compartilhadas e socializadas de diversas formas: em formato MP3, em sites da internet, inclusive no próprio *YouTube*, onde uma busca por “Lenine – Labiata”, em 20 de setembro de 2014, chegou a aproximadamente 1.530 resultados (e, apenas pelo nome do cantor e compositor, a cerca de 251.000 resultados).

Segundo verbete da *Wikipédia*, “a enciclopédia livre” – coletiva e interativa, expressão típica da cibercultura –, o *YouTube*, fundado em fevereiro de 2005, é um site que permite que seus usuários carreguem e compartilhem vídeos digitais, utilizando o formato Adobe Flash para disponibilizar o conteúdo. É o mais popular site do tipo, por possibilitar hospedar quaisquer vídeos – exceto, a princípio, aqueles que são protegidos por direitos autorais, apesar de materiais com essas características serem encontrados em abundância.

O *YouTube* hospeda uma grande variedade de filmes, videoclipes e materiais caseiros. Segundo Caroso (2010, p. 97), sites desse tipo vêm ganhando cada vez uma maior importância “no comportamento do homem contemporâneo, para quem o ato de produzir vídeos também tem sido cada vez mais corriqueiro”. Isto fica evidente no fato de que a grande maioria do material veiculado no *YouTube* é constituído por “produções caseiras, ou seja, realização de pessoas comuns com equipamentos domésticos e amadores”⁸.

Mas, ao lado de trivialidades como vídeos de gatinhos e crianças, “o *YouTube* converteu-se em inestimável biblioteca de imagens”, onde podem ser encontrados registros de “momentos cruciais das artes, da política, dos esportes”, como aponta Meier (2013), listando diversas raridades disponibilizadas no site. O autor ressalta ainda que: “A música é o gênero artístico mais favorecido pelo site”.

Os vídeos do *YouTube* podem, por sua vez, ser disponibilizados em blogs e sites pessoais através de mecanismos desenvolvidos pelo site. Desta forma, o vídeo sobre a canção “A Mancha”, postado por “lethiciaohara” no *YouTube* e foco de nossa discussão, pode ser acessado também através da página de Lula Queiroga (parceiro de Lenine na referida canção) no site *Palco Principal*⁹, “uma rede social de música onde os artistas, os ouvintes e os profissionais do mundo da música se encontram”.

A canção “A Mancha” trata claramente de questões ambientais e ecológicas, como evidencia a letra apresentada no encarte de *Labiata*:

⁸ Segundo Wesch (2008, apud CAROSO, 2014, p. 97), as produções caseiras representam 88% do que se coloca no *YouTube*.

⁹ Através do seguinte endereço:

<http://palcoprincipal.sapo.pt/bandasMain/lula_queiroga/video/fUeWw-K1xXs> (ainda disponível em 20 set. 2014)

A Mancha

Lenine/Lula Queiroga

A mancha vem comendo pela beira
 O óleo já tomou a cabeceira do rio
 E avança
 A mancha que vazou do casco do navio
 Colando as asas da ave praieira
 A mancha vem vindo
 Vem mais rápido que lancha
 Afogando peixe, encalhando prancha
 A mancha que mancha de óleo e vergonha
 Que mancha a jangada, que mancha a areia

Negra praia brasileira
 Onde a morena gestante
 Filha de pescador

Derrama lágrimas negras
 Vigiano o horizonte
 Esperando o seu amor

A letra, por si só, já situa “A Mancha” ao lado de outras músicas de Lenine com caráter de denúncia – como, dentre outras, “Relampiano”¹⁰ ou “Ecos do ão”¹¹ – ou até mesmo com um cunho “didático” – como é o caso de “Rua da Passagem (Trânsito)”, que constitui quase um tratado ético sobre a convivência urbana¹².

No entanto, é preciso considerar que a palavra cantada não equivale diretamente à palavra escrita, de modo que não cabe analisar a letra de uma canção apenas como poesia, pois, como discute Diniz (2002, p. 185), “o texto em tensão com me-

¹⁰ De Lenine e Paulinho Moska, canção gravada em diversos álbuns, inclusive em *Na Pressão*, de 1999: “Tá relampiano / Cadê neném? / Tá vendendo drops / no sinal pra alguém [...] Todo dia é dia / Toda hora é hora / Neném não demora / Prá se levantar... / Mãe lavando roupa / Pai já foi embora / E o caçula chora / Prá se acostumar / Com a vida lá de fora / Do barraco... “[...]”

¹¹ De Lenine e Carlos Rennó, lançada no CD *Falange Canibal*, de 2001: “Rebenta na FEBEM rebelião / Um vem com um refém e um facão / A mãe aflita grita logo: não! / E gruda as mãos na grade do portão / Aqui no caos total do cu do mundo cão / Tal a pobreza, tal a podridão / Que assim nosso destino na direção / São um enigma, uma interrogação.” [...]

¹² De Lenine e Arnaldo Antunes, canção gravada em diversos CDs, inclusive em *Na Pressão*, de 1999: “Os curiosos atrapalham o trânsito / Gentileza é fundamental / Não adianta esquentar a cabeça / Não precisa avançar o sinal” [...] Sua peculiaridade é o estribilho que vai sendo repetido a intervalos cada vez menores: “Todo mundo tem direito à vida / Todo mundo tem direito igual”. [...]

lodia e o ritmo” constitui uma experiência distinta. Nesta medida, outras dimensões significativas podem ser incorporadas pelas escolhas sonoras e musicais no tratamento do texto – por exemplo, o ritmo modificando a acentuação da palavra, alterando sua percepção ou mesmo sua significação –, o que é perdido ao se analisar o texto apenas como poesia, apenas como palavra escrita¹³. Neste sentido é que a palavra cantada é uma experiência distinta, como considera Diniz.

Na mesma direção, entendendo que a canção tem profundo vínculo com a fala, Tatit (2004) enfatiza, no seu estudo, a relação entre melodia e letra. Diz ele:

Ao se transformar em canção, a oralidade sofre inversão do foco de incidência: as entoações tendem a se estabilizar em “formas musicais”, na medida em que se instituem células rítmicas, curvas melódicas recorrentes, acentos regulares e toda sorte de recursos que asseguram a definição sonora da obra; a letra, por sua vez, liberta-se consideravelmente das coerções gramaticais responsáveis pela inteligibilidade de nossa comunicação diária e também se estabiliza em suas progressões fônicas por meio de ressonâncias aliterantes. (TATIT, 2004, p. 42)

Neste quadro, dentre outras características sonoras da canção “A Mancha”, no arranjo de *Labiata*, destacamos as frases rítmicas que, na primeira estrofe, se iniciam sempre com anacruses – no “impulso”, portanto –, com ritmos fragmentados por algumas pausas e sínopes, contrastando com o acompanhamento instrumental ritmicamente vigoroso, que enfatiza os acentos (apoios) do compasso quaternário. Este recurso, a nosso ver, remete ao movimento ondulante do mar, que aos poucos espalha a mancha de óleo em seu percurso destruidor. Já a segunda estrofe tem seus três versos com frases rítmicas téticas, com seu início apoiado (ênfático pela mudança no acompanhamento instrumental), como a personagem que, da terra firme, contempla o mar, “vigiando o horizonte”.

Essa canção, reapropriada criativamente por uma internauta (que se identifica como “lethiciaohara”), ganha novas dimensões e significados no vídeo de 3:51 minutos disponibilizado no *YouTube* – enviado em 16 de novembro de 2008, mesmo

¹³ É o caso, por exemplo, da análise da canção “Rios, Pontes e Overdrives”, de Chico Science e Nação Zumbi, empreendida por Rodrigues (2009, p. 70-71) em sua dissertação. Apesar da ênfase nos conceitos de performance e intersemiose, sua análise toma como base apenas a poesia – palavra escrita. Assim, discute a imagem “impressionantes esculturas de lama”, desconsiderando que o texto cantado torna-se, efetivamente, “impressionantes esculturas de *lamá / mangué, mangué, mangué...*” Assim, a letra do encarte diferencia-se da ocorrência efetiva na performance, cabendo levar em conta este deslocamento, que dificulta o entendimento da letra quando apenas se escuta a música.

ano de lançamento de *Labiata*, e que alcança 29.651 visualizações em setembro de 2014. Tomando como base a própria execução musical de Lenine no referido CD, a montagem, a partir de fotos do Google e de arquivo pessoal (conforme indicado no site), combina uma sequência de imagens estáticas que, deste modo, dão a dinâmica do vídeo. Desta forma, uma camada de significação visual sobrepõe-se à música e a ela se articula¹⁴.

Desde a introdução instrumental e enquanto a canção é executada pela primeira vez, imagens diversas sucedem-se rapidamente: plataformas de petróleo, navios acidentados, derramamento de óleo, praias contaminadas, aves marinhas (inclusive pinguins) cobertas de óleo, diversas ações de combate... Tais imagens permitem ampliar a referência de “A Mancha” para além de uma “praia brasileira” referida na letra da canção – uma praia brasileira possivelmente do Nordeste, pela referência à jangada que a mancha mancha. Assim, “A Mancha” passa a relacionar-se a múltiplos desastres ecológicos que ocorrem em nosso planeta globalizado. Ao final da segunda estrofe, é apresentada uma imagem distinta – o rosto de uma mulher, com uma lágrima negra que escorre –, estabelecendo-se, neste momento, um vínculo ilustrativo mais direto entre a palavra cantada e a imagem. Quase ao final do interlúdio instrumental que antecede a repetição da canção, aparece o intertítulo “reabilitação”, tema da segunda série de imagens, apresentadas enquanto a canção é repetida. Algumas imagens relativas a desastres ecológicos são retomadas durante o trecho final instrumental e, praticamente junto com o último acorde, é reapresentada a imagem da lágrima no rosto de mulher. Enquanto o último acorde ainda ressoa, vê-se a foto de um pássaro sujo de óleo, seguida pelas palavras “a mancha que mancha de óleo”

¹⁴ É bastante corrente, no *YouTube*, esse tipo de reapropriação criativa de músicas em montagens audiovisuais, por meio de sobreposição de fotos, desenhos e eventualmente frases ou versos de poemas. A partir de uma busca no site por “A mancha – Lenine”, em 20 de setembro de 2014, com cerca de 900 resultados – muitos dos quais vídeos de diversos shows de Lenine ou de alguém tocando a música –, encontramos uma produção desse tipo: “Vídeo feito por alunos, divulgando o Rio+20, homenageando a música do Lenine, ‘A Mancha’, e também com fins ambientais”. Postado por Lucca Martins em 13 de julho de 2012, esse vídeo consta com apenas 104 visualizações na data da busca. Com base em fotos e desenhos (alguns com características infantis), essa produção não consegue, a nosso ver, ser tão significativa quanto a reapropriação de lethiciahara. De todo modo, lembramos que nossa discussão toma este vídeo como exemplo ilustrativo, sem a pretensão de generalizar ou de esgotar quer a produção com base na canção de Lenine, quer as possibilidades para a música na cibercultura.

e, finalmente “vergonha...”, já em um momento de silêncio. Com esta palavra encerra-se, então, a montagem audiovisual.

Como discutem Bacal e Naves (2010, p. 181-183), a bricolagem diz respeito a um processo criativo que se baseia em materiais existentes, os quais, através de reapropriação e reorganização, são ressignificados¹⁵. Assim, “a bricolagem é associada, hoje em dia, a uma série de trabalhos da arte contemporânea (ou ‘pós-moderna’, como diriam alguns críticos)”, tanto no campo das artes visuais quanto em alguns circuitos musicais. A nosso ver, a noção de bricolagem presta-se bastante bem para caracterizar o processo de construção criativa que leva ao vídeo de “A Mancha” no *YouTube*, na medida em que a montagem de fotos sobrepostas à gravação sonora de *Labiata* gera um novo produto audiovisual da ciberarte, ampliando o caráter de denúncia da canção.

Neste caso, o processo de reapropriação / ressignificação se dá na mesma direção apontada por Lenine – supondo-se que a intervenção do criador *bricoleur* poderia ser crítica, transformadora ou questionadora, levando até mesmo a significados antagônicos. Aqui, a denúncia da canção é acatada e reafirmada, ganhando nova amplitude e dimensão, constituindo-se, portanto, num autêntico manifesto ecológico. Assim, com a montagem audiovisual, uma nova camada de significação é articulada a esta “atualização” – nos termos de Lévy (2011, p. 135-136, acima citado) – da canção “A Mancha”, caracterizando interativamente a coprodução artística da ciberarte, como acima discutido. Entendemos ser significativo o fato (acima mencionado) de o parceiro de Lenine, Lula Queiroga, disponibilizar em seu site esse vídeo – preferencialmente à gravação do CD em que a canção foi lançada ou ao vídeo de algum show –, revelando o reconhecimento de seu cunho expressivo, que amplia o caráter de denúncia da canção.

Assim, acompanhamos um percurso, dentre vários possíveis, da música na cibercultura: da canção de Lenine lançada em um CD, produto da indústria cultu-

¹⁵ Outros autores tratam esse processo de reapropriação criativa de materiais existentes através de outros conceitos. Caroso (2010, p. 25) caracteriza os processos criativos de vídeos amadores do *YouTube* com base na noção de “samplertropofagia” (*sampler+antropofagia*), com base em Bastos (2003). Por sua vez, Lemos (2005) aponta como princípio que rege a cibercultura a “re-mixagem”: “conjunto de práticas sociais e ecomunicacionais de combinações, colagens, *cut-up* de informação a partir das tecnologias digitais”.

ral, à música compartilhada na internet e à reapropriação criativa do vídeo de lethiciaohara. Mas esse percurso pode se interligar a outros, articulando-se a espaços da vida cotidiana, como discutiremos no item a seguir.

E ainda outros percursos...

Procurando explorar como a cibercultura pode se entrelaçar com esferas da vida cotidiana, passamos a discutir o caráter político tanto dessas produções – canção e vídeo – quanto de outras possíveis ações ligadas às questões ecológicas, inclusive no campo da educação. Revelam-se, assim, outros percursos possíveis, que entrecruzam o espaço virtual a outros espaços da vida.

A divulgação através do *YouTube* do manifesto ecológico audiovisual resultante da reapropriação criativa de lethiciaohara sobre a gravação de Lenine de “A Mancha”, em *Labiata*, levanta algumas questões interessantes sobre a cibercultura. Esse percurso sugere que, explorando recursos do espaço virtual, podemos atingir também espaços reais de nossa vida cotidiana. As possibilidades que a internet abre para discussões sobre diversos temas sociais ajudam a descentralizar a informação, contribuindo com questionamentos para a conscientização, e até mesmo mobilizando grupos. Neste sentido, como afirma Olinto,

as experiências que nos permitem as novas tecnologias midiáticas não conduzem necessariamente à despedida ou à substituição do real, mas permitem uma reavaliação e uma revalidação da realidade cotidiana e a formação de novas comunidades. (OLINTO, 2002, p. 73)

Reafirmando a denúncia já presente na canção de Lenine, o vídeo manifesta a importância das questões ambientais na atualidade:

A preocupação ambiental no Brasil e no mundo tem se constituído como aglutinadora de um campo de relações sociais. O campo ambiental é portador dos dilemas contemporâneos que afetam [a] esfera política, particularmente no que diz respeito às escolhas e ações presentes que vão incidir sobre o futuro, enquanto projeto de vida comum. (CARVALHO, 2008, p. 149)

No mundo atual, questões ecológicas – relativas à preservação do meio ambiente ou ao uso sustentável dos recursos naturais – entram em conflito não apenas com padrões de consumo, mas com os interesses econômicos que lhe são associ-

ados. Neste sentido, com sua sequência de imagens, o vídeo “A Mancha” explicita, mais ainda que a canção, o conflito entre os interesses da indústria petrolífera e a preservação dos ecossistemas. Como consequência de tais conflitos, as propostas ecológicas invadem a política – tanto em sentido específico (políticas governamentais, instâncias políticas representativas etc.), quanto em sentido amplo, enquanto esfera pública ou em relação às questões de poder que permeiam a vida cotidiana do cidadão comum.

[...] a entrada da *natureza* ou *meio ambiente* no campo da política pode ser vista como uma ampliação da esfera pública, na medida em que os destinos da vida, no papel de *Bios* [ordem natural, em oposição a *Polis*], conquistam um espaço crescente como objeto de discussão política na sociedade. (CARVALHO, 2008, p. 155)

Neste quadro, o vídeo “A Mancha” provoca reflexões, ampliando questionamentos a partir da música, realimentando discussões e afirmando posicionamentos em defesa do meio ambiente. Desse modo, no âmbito da cibercultura e explorando as potencialidades do ciberespaço, o indivíduo pode se manifestar, sozinho e em grupo, pode comunicar-se com outras pessoas a respeito das quais não tem qualquer informação, mas com as quais interage indiretamente, através de materiais postados na rede – mesmo quando elas não lhe dão um retorno efetivo, na forma, por exemplo, de um comentário a respeito do vídeo postado. Desta forma, a internauta que postou o vídeo contribui para descentralizar a informação e atua politicamente, na esfera da vida cotidiana.

Pode-se considerar que mais de 29 mil acessos num prazo de quase seis anos (novembro de 2008 a setembro de 2014) – o que leva a uma média de cerca de 14 acessos por dia – não é tão significativo, em termos de popularidade na internet¹⁶, e

¹⁶ Comparativamente, o vídeo postado por “maccaburn” no YouTube em 8 de junho de 2008, atingiu mais de 378 mil acessos em 29 de outubro de 2013. Com base na canção “O Silêncio das Estrelas”, de Lenine (gravada em seu CD *Falange Canibal*, de 2001), a montagem audiovisual traz, sob o título da canção, o subtítulo “Let’s protect Amazonia to save the planet”, e apresenta, sobre fotos sequenciadas, a letra da canção traduzida para o inglês. Embora a tradução nos pareça por vezes um tanto rudimentar, talvez este recurso, aliado à referência à Amazônia, que aparece também no texto que apresenta o vídeo e se torna uma referência de busca – já que a maior floresta tropical do planeta é tema de discussões ecológicas por todo o mundo –, contribua para o maior número de acessos, provavelmente alcançando com mais facilidade internautas de outras nacionalidades. Esse vídeo utiliza recursos similares aos empregados em “A Mancha”, embora não o consideremos tão significativo. Como não faz parte dos objetivos deste texto analisá-lo, nossa menção a ele visa apenas registrar a diversidade presente na internet.

muito menos de viralidade (cf. CAROSO, 2010, p. 105). No entanto, este não é o mais importante parâmetro aqui, sendo preciso levar em conta que o vídeo pode também ser baixado para computadores pessoais¹⁷ e ainda disponibilizado em outros sites da internet. Assim, ele pode também ser encontrado em espaços virtuais que se dedicam a discutir questões ecológicas, como o blog “Educação Ambiental na net”¹⁸.

No âmbito das ações educativas, um exemplo de possíveis entrelaçamentos do virtual com outros espaços e ações da vida cotidiana pode ser encontrado numa experiência de exploração didática da canção de Lenine e também do vídeo “A Mancha”. Essa exploração ocorreu em projeto de formação continuada de professores, na área de música, realizado na Universidade Federal da Paraíba (UFPB), em 2010 e 2011¹⁹, através de cursos presenciais realizados em finais de semana. Trabalhando com professores de arte/música ou dos anos iniciais do ensino fundamental, o projeto buscava discutir fundamentos e estratégias para a abordagem dos temas transversais propostos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais/PCN (BRASIL, 1997a, 1997b, 1998a, 1998b) para este nível de ensino, documentos estes que configuram uma proposta curricular oficial para a prática pedagógica nas escolas.

Nos PCN, o currículo está estruturado em áreas de conhecimentos – dentre as quais Arte, que traz uma proposta para Música, junto a outras linguagens artísticas – e em temas transversais. Os temas transversais são questões da atualidade que devem atravessar o currículo, sendo tratadas em todas as áreas de conhecimento – inclusive em Arte/Música –, buscando-se estabelecer relações entre os saberes escolares sistematizados e as experiências de vida dos alunos. Dentre os temas transversais propostos pelos PCN para todas as séries/anos do ensino fundamental, estão

¹⁷ Através, por exemplo, de recursos disponibilizados no site: <<http://www.keepvid.com/>>.

¹⁸ Endereço do blog: <<http://eananet.blogspot.com.br/>>. Link para acessar o vídeo “A Mancha” nesse blog: <<http://eananet.blogspot.com.br/2010/06/mancha-lenine-labiata.html>> (ainda disponível em 20 de setembro de 2014). Interessante notar que, refletindo as mudanças nas preferências das redes de sociabilidade na internet, pode ser encontrado neste blog um aviso de parada de postagem (postado em 25 agosto [201?]), que passam então a ser realizadas através do facebook: <<http://www.facebook.com/eananet>>.

¹⁹ Tratava-se do Curso “Práticas Inovadoras em educação musical: música e os temas transversais”, sob a coordenação do Prof. Luis Ricardo Silva Queiroz, que integrava o *Projeto Formação Continuada de Professores da Educação Básica: consolidando saberes e articulando experiências*, projeto institucional da UFPB, financiado pelo MEC/FNDE. O curso atendia professores tanto de João Pessoa quanto de cidades interioranas próximas.

Ética²⁰ e Meio Ambiente²¹, o que revela a pertinência das questões ecológicas em várias instâncias do mundo atual – inclusive na esfera educacional.

Ao se abordar de modo prático possibilidades de como tratar, no campo da educação musical, o tema Meio Ambiente, exploramos a canção de Lenine através de atividades de apreciação (escuta consciente da música em *Labiata*) e exercícios com canto, movimentação, batimentos rítmicos etc. Associamos o reconhecimento de alguns elementos musicais do arranjo à discussão da letra da canção e, por sua vez, esta foi relacionada a notícias sobre desastres ecológicos similares que circulavam nos noticiários por ocasião das aulas. Por outro lado, o aspecto didático e reflexivo era focado através da leitura de trechos dos PCN sobre o tema (BRASIL, 1998b, p. 169-242).

Ao final desta etapa do curso, o vídeo de “A Mancha” (reapropriação da canção por lethiciaohara), “descoberto” na internet por um professor da equipe, foi apresentado à turma para apreciação, ocasião em que todo o trabalho desenvolvido em torno da música alcançou uma culminância. Como uma versão audiovisual da canção, o vídeo sintetizava, naquele momento do processo pedagógico, tantas reflexões e significações construídas conjuntamente sobre o tema do Meio Ambiente.

Esta experiência educativa, aqui rapidamente apresentada, ajuda a exemplificar possibilidades que passam pela internet, com seu caráter virtual e desterritorializado, em articulação com atividades presenciais e com interações face a face, fisicamente situadas. Assim, esses percursos trilhados pela canção de Lenine interligaram a cibercultura a outros espaços da vida cotidiana. E, embora o curso fosse essencialmente presencial, realimentando as diversas possibilidades de combinação do ciberespaço com o espaço da sala de aula convencional, ao final do mesmo seu coordenador disponibilizou, através de recursos da internet, todo o material utilizado no curso – textos, gravações de áudio, vídeo – para os professores em formação continuada que dele participaram.

²⁰ Nas aulas dedicadas ao tema transversal Ética, foi explorada a canção de Lenine e Arnaldo Antunes, “Rua da Passagem (Trânsito)”, anteriormente mencionada.

²¹ Os demais temas são: Pluralidade Cultural, Saúde, Orientação Sexual. Apenas para os anos finais do ensino fundamental (5ª a 8ª séries, atualmente 6º ao 9º anos), é proposto, ainda, o tema Trabalho e Consumo. A respeito da estruturação dos PCN e dos temas transversais, ver Penna (2001, cap. 2); ver o cap. 6 sobre a proposta para Música nos documentos dos PCN para Arte no ensino fundamental.

A canção que denuncia o derramamento de óleo na praia torna-se vídeo, manifesto ecológico; ambos tornam-se material didático. Trata-se de manifestações artísticas e criativas, incorporadas em nossa vida cotidiana como lazer, posicionamento político, educação, modo de situar-se socialmente – dentre outras tantas possibilidades.... E todas essas várias funções (e ainda outras) que a música pode cumprir na vida de cada um encontram na internet meios para se expandir, sendo compartilhadas, multiplicadas. Afinal, “formas midiáticas funcionam como instrumento de socialização” (OLINTO, 2002, p. 73) e a sociabilidade atual serve-se da tecnologia cada vez mais amplamente:

A sociabilidade contemporânea vai aproveitar o potencial comunitário, associativo, ou simplesmente agregador dessa nova tecnologia. Se os radicais que criaram os microcomputadores na década de [19]70 propunham a informática para todos, os internautas da década de [19]90 propõem a conexão generalizada. A microinformática, berço da cibercultura, surge da sinergia [...] entre a sociabilidade e as tecnologias digitais. (LEMOS, 2010, p. 109)

O exemplo dos percursos de “A Mancha”, de Lenine, mostra que as relações entre o indivíduo e a música, ou dele com o meio ambiente – ou ainda articulando os três, indivíduo/música/meio ambiente – podem também se desenvolver no âmbito da cibercultura, onde concepções e posicionamentos podem ser discutidos e expressos.

Na nova mídia digital, a comunicação, com efeito, é interativa em sentido simultaneamente específico e ampliado: ampliado, por um lado, porque permite a interação humana ativa e em mão dupla com os próprios meios e equipamento que a viabilizam; específico, de outro, porque esta circunstância permite ainda a interação social ativa e em mão dupla entre os seres humanos[...] (RÜDIGER, 2011, p. 13)

Atos de reflexão e expressão podem, neste contexto, fazer uso das linguagens artísticas – uso este marcado pela interatividade e pelo caráter aberto da ciberarte –, permitindo à música percursos variados. Esses percursos podem ir da canção ao audiovisual e ao manifesto ecológico, interligando-se também a variados espaços da vida cotidiana, inclusive à sala de aula. No âmbito da cibercultura, portanto, é possível desenvolver atividades educativas – em sentido amplo – e ações de conscientização e de questionamento, com claro cunho político.

Referências

- BACAL, Tatiana; NAVES, Santuza Cambraia. Inventando tecnologias e produzindo sons: relações estabelecidas entre produtores sonoros e tecnologias de criação. In: SÁ, Simone Pereira de (Org.). *Rumos da cultura da música: negócios, estéticas, linguagens e audibilidades*. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- BAHANOVICH, David; COLLOPY, Dennis. *Music Experience and Behaviour*. University of Herforshire, 2009.
- BOAL PALHEIROS, Graça. Funções e modos de ouvir música de crianças e adolescentes em diferentes contextos. In: ILARI, Beatriz Senoi. *Em busca da mente musical: ensaios sobre os processos cognitivos em música – da percepção à produção*. Curitiba: Ed. da UFPR, 2006, p. 303-349.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*. Brasília, 1997a. v.6: Arte.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais*. Brasília, 1997b. v. 9: Meio Ambiente e Saúde.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais (5ª a 8ª séries): arte*. Brasília, 1998a.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros curriculares nacionais (5ª a 8ª séries): temas transversais*. Brasília, 1998b.
- CAROSO, Luciano. *Etnomusicologia no ciberespaço: processos criativos e de disseminação em videocliques amadores*. 2010. 214 p. Tese (Doutorado em Música) - Universidade Federal da Bahia, Escola de Música. Salvador: UFBA, 2010. Disponível em: <http://luciano.caroso.com.br/caroso_tese.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2014.
- CARVALHO, Isabel Cristina Moura. A produção de novas identidades e modalidades de ação cultural na contemporaneidade: intersecções entre juventude e ambientalismo. In: MEDEIROS, João Luiz (Org.). *Identidades em movimento: nação, cyberespaço, ambientalismo e religião no Brasil contemporâneo*. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 149-164.
- COSTA, Jean Henrique; FARIAS, Tássio Ricelly Pinto de. Indústria cultural, cibercultura e música independente em Brasília: um estudo com as bandas 'Amanita' e 'Feijão de Bandido'. *Acta Scientiarum: Human and Social Sciences* Maringá, v. 36, n. 1, p. 9-17, Jan.-June, 2014. Disponível em: <http://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciHumanSocSci/article/view/21971/pdf_15>. Acesso em: 13 ago. 2014.
- DELALANDE, François. De uma tecnologia a outra: cinco aspectos de uma mutação da música e suas consequências estéticas, sociais e pedagógicas. In: VALENTE, Heloísa de
- PENNA, Maura. Percursos da música na cibercultura: o caso de "A Mancha" de Lenine. *Música Popular em Revista*, Campinas, ano 3, v. 1, p. 121-41, jul.-dez. 2014.

A. Duarte (Org.). *Música e mídia: novas abordagens sobre a canção*. São Paulo: Via Lettera, 2007. p. 51-60.

DINIZ, Júlio. Música popular: leituras e desleituras. In: OLINTO, Heidrum Krieger; SCHOLLHAMMER, Karl Erik (Orgs.). *Literatura e mídia*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 173-186.

JUNGBLUT, Airton Luiz. O ciberespaço, suas lógicas e alguns exercícios identitários entre os brasileiros na internet. In: MEDEIROS, João Luiz (Org.). *Identidades em movimento: nação, cyberespaço, ambientalismo e religião no Brasil contemporâneo*. Porto Alegre: Sulina, 2008. p. 122-148.

LEMONS, André. *Ciber-cultura-remix*. 2005. Disponível em: <<http://pt.scribd.com/doc/48332999/Andre-Lemos-Cibercultura-Remix>>. Acesso em: 20 ago. 2014.

LEMONS, André. *Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea*. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010.

LÉVY, Pierre. *Cibercultura*. 3. ed. 1. reimpr. São Paulo: Editora 34, 2011.

MAGOS, Sergio Rivera. *Consumos y usos sociales juveniles de música en la era digital: los jóvenes consumidores de música de la Zona Metropolitana de Querétaro*. 2014. 351 p. Tese (Doutorado em Comunicação) – Universidad Rey Juan Carlos, Facultad de Ciencias de la Comunicación. Madrid: Universidad Rey Juan Carlos, 2014. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/10115/12485>>. Acesso em: 27 ago. 2014

MATTELLART, Armand. *Diversidade cultural e mundialização*. São Paulo: Parábola, 2005.

MEIER, Bruno. O baú da imagem. *Veja*. São Paulo, ed. 2310, ano 46, n. 9, p. 116-117, 27 fev. 2013.

NICOLAU NETTO, Michel. Música na internet: descentralização e controle. *Música Popular em Revista*, Campinas, ano 1, v. 1, p.115-134, jul.-dez. 2012. Disponível em: <<http://www.publionline.iar.unicamp.br/index.php/muspop/article/view/33/53>>. Acesso em: 2 fev. 2013.

OLINTO, Heidrum Krieger. Processos midiáticos e comunicação literária. In: OLINTO, Heidrum Krieger; SCHOLLHAMMER, Karl Erik (Orgs.). *Literatura e mídia*. São Paulo: Loyola, 2002. p. 54-75.

PENNA, Maura (Coord.) *É este o ensino de arte que queremos? uma análise das propostas dos parâmetros curriculares nacionais*. João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2001. Disponível em: <http://www.ccta.ufpb.br/pesquisarte/Masters/e_este_o_ensino.pdf>. Acesso: 2 fev. 2013.

PENNA, Maura. Música(s), globalização e identidade regional: o projeto “Pernambuco em concerto”. In: _____. *Música(s) e seu ensino*. 2. ed. rev. ampl. 1. reimpr. Porto Alegre: Sulina, 2012. p. 101-118.

PENNA, Maura. Música, ecologia e cibercultura: o caso de “A mancha” de Lenine. ENCONTRO NACIONAL DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ETNOMUSICOLOGIA, 6., 2013, João Pessoa. *Anais.....* João Pessoa: UFPB, 2013. p. 399-403. Disponível em: <http://abetmusica.org.br/dld.php?dld_id=168>. Acesso em: 19 set. 2014.

RODRIGUES, Marisa Nóbrega. Análise semiótica da música Jacksoulbrasileiro. *Graphos*. João Pessoa, v. 10/11, n. 2/1, p. 179-186, 2008/2009.

RODRIGUES, Sílvio Sérgio Oliveira. *Manguebeat, interdiscurso e intersemiose: uma resposta do contemporâneo ao pós-moderno*. 2009. 132 p. Dissertação (Mestrado em Literatura e Interculturalidade) – Universidade Estadual da Paraíba. Campina Grande: MLI/UEPB, 2009.

RÜDIGER, Francisco. *As teorias da cibercultura: perspectivas, questões e autores*. Porto Alegre: Sulina, 2011.

SILVA, Helena Lopes da. Música, juventude e mídia: o que os jovens pensam e fazem com as músicas que consomem. In: SOUZA, Jusamara (Org.) *Aprender e ensinar música no cotidiano*. Porto Alegre: Sulina, 2008.p. 39-57.

TATIT, Luiz. *O século da canção*. Cotia/SP: Ateliê, 2004.

VALENTE, Heloísa de Araújo Duarte. Canção artística, canção popular, canção das mídias: movência e nomandismo. In: VALENTE, Heloísa de A. Duarte (Org.). *Música e mídia: novas abordagens sobre a canção*. São Paulo: Via Lettera, 2007. p.79-97.

Outras fontes

LENINE. *Bio*. [2013]. Disponível em: <<http://www.lenine.com.br/bio/>>. Acesso em: 15 out. 2013.

LENINE; QUEIROGA, Lula. A Mancha. In: LENINE. *Labiata*. Rio de Janeiro: Casa 9, 2008. CD. faixa 4. (contém encarte com as letras das canções)

LENINE; QUEIROGA, Lula; lethiciaohara. *A Mancha - Lenine Labiata*. 2008. vídeo. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=fUeWw-K1xXs>>. Acesso em: 7 dez. 2010.

LENINE; QUEIROGA, Lula; MARTINS, Lucca. *Rio+20 - Salve o Planeta da Mancha*. 2012. vídeo. Disponível em: Acesso em: 20 set. 2014.